

LÍNGUA, SIGNO, VALOR: A TEORIA LINGUÍSTICA DE FERDINAND DE SAUSSURE**LANGUAGE, SIGN, VALOR: FERDINAND DE SAUSSURE'S LINGUISTIC THEORY****Renata Adriana de Souza¹****Juliana da Silveira²****Vera Lucia da Silva³****Período de recebimento dos textos:** 04/08/2014 a 31/10/2014**Data de aceite:** 10/11/2014

Resumo: Este artigo tem por objetivo expor uma breve reflexão sobre o trabalho de Ferdinand de Saussure e mostrar a importância de sua teoria para o desenvolvimento da Linguística de sua época e de toda a Linguística que o precedeu. Nossa discussão será realizada a partir de duas perspectivas: a primeira está relacionada em abordar a forma como a obra de Saussure foi, muitas vezes, reinterpretada de modo simplificado, fato que comprometeu a complexidade de seu pensamento; a segunda consiste em discutir alguns pontos do *Curso de Linguística Geral*, principalmente, os conceitos de significação e valor, expondo a diferença entre eles, assim como a importância dos dois termos para a compreensão do signo e do sistema saussureano.

Palavras-chave: Ferdinand de Saussure; Linguística; Signo; Significação; Valor.

Abstract: A brief commentary on the research by Ferdinand de Saussure is provided to show the relevance of his theory for the development of Linguistics in his times and for previous Linguistics. Current discussion is based on two perspectives: the first is related to the form Saussure's work was frequently reinterpreted in a simplified form and thus jeopardizing the complexity of his thought; the second discusses certain items in the *Course of General Linguistics*, especially the concepts of meaning and value, revealing the difference between the terms. The importance of the two terms is also given so that the sign and the Saussurian system may be understood.

Keywords: Ferdinand de Saussure; Linguistics; Sing; Signification; Value.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS-RS). Professora da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO/ Guarapuava-PR.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR). Professora de Linguística na FANP-Uniesp/Nova Esperança-PR.

³ Doutora em letras pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP – SP). Professora do Centro Universitário Cesumar (Unicesumar-PR).

Palavras Introdutórias

A importância de Ferdinand de Saussure para a Linguística é inquestionável. Suas concepções, expostas no Curso de Linguística Geral (doravante CLG), foram responsáveis por fundar a linguística como ciência e por seu apogeu, na versão estruturalista. Com isso, seu trabalho influenciou grande parte do pensamento linguístico que o precedeu.

A Linguística, segundo Saussure (2006), se interessa pela linguagem em todas as suas manifestações:

A matéria da Linguística [sic] é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressão (SAUSSURE, 2006, P. 13).

Como tais manifestações constituem perspectivas bastante complexas, Saussure (2006), para evitar dificuldades, opta pelo estudo da língua (homogêneo, social, concreto e essencial), diferenciando-a da fala (individual, heterogênea e secundária). Ao delimitar a língua como objeto de estudos, o linguista a classifica como um sistema de signos. Essa escolha, segundo Barbisan e Flores (2009), é bastante representativa, pois a língua é um ponto privilegiado das manifestações da linguagem.

No entanto: “Os dois aspectos que fundamentaram e definiram a linguagem, na teoria saussureana – o de língua e o de fala – foram produtivos, embora tenham sido reinterpretados, modificados, alargados em toda a história da linguística de nosso tempo” (Barbisan e Flores, 2009, P. 9). Um dos mal-entendidos relacionados a essa questão, segundo os autores, é a associação do pensamento de Saussure a uma série de dicotomias, pois, além de língua e fala, considerada a mais famosa, há outras: significante e significado; paradigma e sintagma; diacronia e sincronia.

Barbisan e Flores (2009) chamam atenção ao fato de que uma leitura mais atenta do CLG possibilita questionar a forma como tais dicotomias são consideradas, pois há indícios de um terceiro elemento mediador da relação binária: a dicotomia significante/significado só existe em relação ao signo; as relações sintagmáticas/ relações associativas estão ligadas à noção de sistema; para diacronia/ sincronia, há a pancronia; e, finalmente, língua/fala estão associadas à linguagem. Há ainda um elemento maior que sustenta toda a arquitetura desse sistema: o valor. É esse conceito que vamos priorizar em nossa discussão.

O Signo e o Sentido no Clg

A problemática da reinterpretação do trabalho de Saussure pode ser verificada em Dosse (2007) que expõe a seguinte afirmação sobre o sentido no CLG:

O signo linguístico [sic] une não uma coisa ao seu nome, mas um conceito a uma imagem acústica num vínculo arbitrário que remete a realidade, o referente, para o exterior do campo do estudo a fim de determinar a perspectiva, por definição restrita, do lingüista. O signo saussureano só envolve, portanto, a relação entre significado (o conceito) e significante (imagem acústica), com exclusão do referente [...].

Ele encerra sua lingüística num estudo restritivo do código, separada de suas condições de aparecimento e de sua significação. Saussure fez, portanto, a escolha do signo contra o sentido, devolvido ao passado metafísico, escolha que se converterá numa das características do paradigma estruturalista (DOSSE, 2007, P. 87-88).

Dosse (2007) considera que a linguística saussureana se restringiu a um estudo do signo como objeto fechado em si mesmo, um código. Ao priorizar esse ponto de vista de estudo, para Dosse (2007), ocorre exclusão da

significação. Será que a língua pode ser vista como um código, na teoria de Saussure? A questão da significação foi excluída de seu trabalho ou ficou restrita ao que é “codificado como significado”? Com esse trabalho esperamos poder discutir um pouco essas questões.

No CLG, os signos são definidos como unidades complexas de dupla face, ou seja, constituídos da união de dois termos: um conceito e uma imagem acústica. “O signo une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (Saussure, 2006, p. 80). É importante frisarmos essa questão, pois ela refere-se ao fato de os signos não possuírem qualquer relação com um objeto empírico, “coisa”. O conceito é denominado por Saussure (2006) de SIGNIFICADO e a imagem acústica de SIGNIFICANTE. Essa união do significante com o significado, no interior do signo, é indissociável.

Uma característica primordial do signo linguístico consiste na arbitrariedade. O princípio da arbitrariedade refere-se à inexistência de um valor intrínseco relacionado à união entre significado e significante. Trata-se, portanto, de uma convenção: “Assim, a idéia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual;” (Saussure, 2006, p. 81-82).

Na leitura realizada por Dosse (2007), há uma redução do sistema linguístico saussureano à constituição do signo. O foco do autor, no fragmento exposto, é o signo que, para Saussure, é composto por um conceito e uma imagem acústica, unidos por um laço arbitrário. Não há, nessa teoria, qualquer relação com o referente do mundo, esse aspecto da teoria foi bem discutido por Dosse (2007). No entanto, a teoria saussureana é mais complexa do que a exposição feita e não pode ser considerada como algo “restrito”.

A questão do sentido é mais abrangente do que a exposta por esse autor que, ao considerar o signo linguístico, afirma que Saussure resumiu sua

teoria linguística ao estudo do código, distante da questão da significação. Assim, o que existiria no CLG, a partir do ponto de vista de Dosse (2007), seria uma teoria do signo que se restringe à relação significado/significante. Uma teoria do código linguístico.

Nesse trabalho, nos situamos em uma posição que considera problemática a perspectiva acima mostrada, acreditamos que esse tipo de leitura, a respeito da teoria saussureana, seja equivocada, tendo em vista a existência de diversos pontos que podem ser questionados: o autor restringe o trabalho de Saussure ao signo enquanto significante e significado; aborda o signo como um código; desconsidera a existência de uma teoria do sentido em Saussure.

Podemos questionar todos esses aspectos levantados por Dosse (2007), por meio da teoria do valor de Saussure. Essa teoria que é um ponto central e de extrema importância, pois sustenta toda a noção de sistema no trabalho saussureana, foi ignorada. O valor possui uma relação direta com o sentido, por isso, tal conceito é considerado o ponto mais importante e o mais inovador da Linguística da época.

O Valor Linguístico

O conceito de valor perpassa toda a teoria saussureana, nesse sentido, para abordarmos esse conceito, de acordo com o CLG, e relacionar com as questões anteriormente expostas, é importante compreender que tal princípio está diretamente associado a outros dois: o de arbitrário e o de diferença.

A arbitrariedade do signo, segundo Saussure (2006), permite compreender que os sujeitos em sociedade e o modo como eles se relacionam com o sistema constituem elementos necessários para estabelecer e fixar os valores existentes, ou seja, não existe qualquer valor intrínseco que possa ser associado a um signo.

[...] o arbitrário do signo nos faz compreender melhor por que o fato social pode, por si só, criar um sistema linguístico. A coletividade é necessária para estabelecer valores cuja única razão de ser reside no uso e no consenso geral; o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um único valor que seja (SAUSSURE, 2006, p. 157).

Esse fato estabelece a ligação do conceito de valor ao de diferença, tendo em vista que falar em diferença consiste em considerar uma não substancialização da língua. Isso significa que a arbitrariedade do signo impossibilita de vê-lo como uma unidade que preexista à língua, por isso, para analisar as unidades da língua, deve-se considerar tais unidades em relação a outras, verificando não as semelhanças, mas as diferenças existentes entre elas.

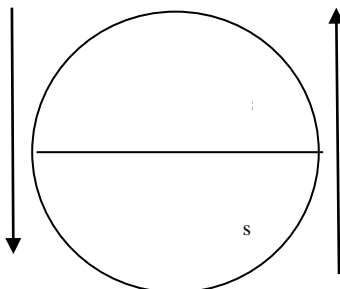
De acordo com Normand (2009, p. 75), o enunciado *ande!*, por exemplo, não significa nada por si só, mas adquire sentido em relação a *andem!*, *andemos!*, *eu ando* etc.: “se *ande!* Indica uma ordem dirigida a um “você” é porque se opõe implicitamente a um *você anda* (simples constatação), a *eu ando* (constatação referente a “eu”), a *andemos!* (ordem dirigida a nós), etc.”.

Devido à complexidade dessa concepção, é insuficiente considerar determinado signo simplesmente como a união de um certo som com um certo conceito (relação significante/significado). Essa definição ignora o sistema do qual o signo faz parte. Isso significa que o sistema linguístico saussureano não é constituído por meio da soma dos signos, mas é a totalidade do sistema que possibilita, obter os elementos que o encerra. Essa tese é desenvolvida a partir do ponto de vista do significado ou conceito, do significante e do signo total.

A Teoria do Valor Linguístico

No CLG, Saussure (2006) distingue valor de significação. Significação, segundo o autor, ocorre a partir da relação entre a imagem auditiva e o conceito, “nos limites da palavra considerada como um domínio

fechado existente por si próprio”. A significação é representada pelo seguinte esquema:



SAUSSURE (2006, p. 133)

Esse esquema representa a significação como a relação entre significado e significante, ou seja, como algo que está pautado em fatores internos ao signo. Considerar a teoria do signo apenas a partir da relação entre significado e significante é reduzir o trabalho do mestre genebrino, pois é algo que desconsidera sua teoria do valor linguístico.

Para Saussure (2006), o valor é maior que a significação. Não basta apenas a significação para um signo se constituir, é necessário que ele adquira um valor no sistema. O valor recobre a significação, pois ele não se refere apenas as características internas ao signo. Falar em valor é considerar a relação que um signo possui com outros no sistema, o valor de um signo está condicionado a presença simultânea de outros signos. Fazendo parte de um sistema, ele está revestido não só de uma significação, mas também e sobretudo de um valor.

Assim, o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia; nem sequer da palavra que significa “sol” se pode fixar imediatamente o valor sem levar em conta o que lhe existe em redor; línguas há em que é impossível dizer “sentar-se ao sol” (SAUSSURE, 2006, p. 135).

O conceito de valor possibilita considerar que os signos não possuem conceitos dados de antemão, mas valores que emanam do sistema. Os valores

são diferenciais, porque não existe sentido pré-existente. O sentido é resultado das relações que um signo mantém com outros elementos. Devido a essa relação, Saussure (2006) pôde afirmar que na língua só existem diferenças conceituais e diferenças fônicas. Uma forma de exemplificar essa questão consiste no fato de o valor de um determinado signo poder ser alterado devido ao fato de um termo vizinho ter sofrido uma modificação, isto é, sem que se modifique o sentido ou o som.

A partir dessas considerações, consideramos equivocadas as palavras de Dosse (2007, p. 87-88): “Ele (Saussure) encerra sua linguística [sic] num estudo restritivo do código, separada de suas condições de aparecimento e de sua significação”. O que encontramos na teoria é o contrário, Saussure não considera, de forma alguma, o signo como um código fechado, pois o signo enquanto entidade composta por significante e significado, é “a contraparte de outros signos da língua”. Nesse sentido, o signo não fica restrito às relações internas no sistema, mas as relações com outros elementos. O conceito de valor se opõe a uma concepção de língua que veria o signo como unidade fechada sobre ele mesmo. Os signos possuem dependência uns em relação aos outros.

Com isso, concordamos com Gadet (1987) em relação ao fato de o valor não ser um elemento da significação, pois é a significação que está sob a dependência do valor. Com o conceito de valor, Saussure (2006) descreve a parte linguística da significação. Por isso, esse conceito constitui, nos ensinamentos saussureanos, o ponto mais radicalmente inovador da linguística de sua época e o mais irreduzível a toda a linguística que precede.

O Valor *In Praesentia* e *In Absentia*

A teoria do valor opera sobre diferentes eixos: das combinações lineares (sintagma) e das associações virtuais (paradigma).

As relações sintagmáticas constituem o valor *in praesentia* e estão baseadas na forma como os elementos aparecem organizados, linearmente, em palavras ou em grupos de palavras. Trata-se das relações expostas em uma determinada extensão. O sintagma é composto de duas ou mais unidades consecutivas. Alguns exemplos que Saussure (2006, p. 142) nos apresenta é: "re-ler", "contra todos", "Deus é bom": “Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que precede ou ao que o segue, ou a ambos”.

Vamos observar as seguintes unidades significantes:

1- Contra todos.

2- Contramestre.

Não é o mesmo elemento que está em jogo, o valor de “contra” é diferente nos dois sintagmas. No primeiro exemplo, "contra" funciona como preposição e está relacionado a "todos" formando uma expressão cujo sentido aponta para o estabelecimento de um confronto, ou seja, alguém está *contra todos*. Já em "contramestre", temos uma palavra formada por duas unidades de sentido, um prefixo, "contra", e uma outra palavra, "mestre", cuja significação refere-se a alguém que possui uma posição um nível abaixo de outra, de um mestre. Isso significa que as relações sintagmáticas são constituídas em dois ou mais termos igualmente presentes em uma determinada série, sendo que esse fato pode ser observado até mesmo na constituição de uma palavra.

Essa é uma questão importante abordada por Saussure (2006) em relação ao signo linguístico, o fato de esse elemento ser caracterizado como uma unidade de sentido. Antes do CLG, a palavra era considerada a menor unidade de sentido, essa concepção se modificou com o trabalho de Saussure (2006), pois o mestre percebeu que o morfema possuía significação, passando a considerá-lo como a menor unidade de sentido e, assim, como signo.

Por sua vez, as relações associativas constituem o valor *in absentia* e são produzidas por palavras que trazem algo em comum e se associam na memória, formando grupos nos quais imperam relações muito diversas.

- 1- Ensino
- 2- Ensinar
- 3- Ensino
- 4- Armamento
- 5- Desfiguramento
- 6- Educação/ aprendizagem.

Essas coordenações associativas são bem diferentes das primeiras. A base não está na extensão (cadeia de fala, discurso) e sim no cérebro (conhecimento da língua). Nesse sentido, o eixo associativo desempenha um papel muito maior. As associações que podem ser ligadas a uma palavra qualquer são bem diversas e constituem um conjunto de “formas” em número indefinido que “flutuam em torno dele”. Os elementos podem ser associados:

- 1- Pelo radical: ensinar, ensino;
- 2- Pelo sufixo: ensino, armamento;
- 3- Pelo significado: ensino, instrução...

O que permite essas associações é o valor que os elementos adquirem no sistema. Nesse sentido, a teoria da significação no CLG é bastante ampla.

Um importante pesquisador do trabalho de Saussure é Simon Bouquet. Esse autor, em sua obra *Introdução à Leitura de Saussure* (Cultrix, 1997), aborda a teoria do valor a partir de leituras realizadas do *Curso de Linguística Geral* e dos *Escritos de Linguística Geral*⁴ e expõe uma discussão sobre tal conceito e como ocorre seu funcionamento nos eixos sintagmáticos e associativos.

⁴ O livro *Escritos de Linguística Geral* foi organizado pelo próprio Simon Bouquet a partir de manuscritos de Saussure encontrados em 1996.

De acordo com o Bouquet (1997), pensar o valor no âmbito sintagmático e associativo pode ser caracterizado, ao mesmo tempo, de modo unificado, e em toda a sua complexidade. A teoria é unificada quando é considerada como algo que reflete apenas o fenômeno denominado por Saussure de sentido e significação, esse fenômeno é unitário. É complexa, na medida em que é vista como responsável por coordenar os dois fatos anteriormente citados: o valor *in absentia*, relacionado ao eixo associativo; e o valor *in praesentia*, referente ao eixo paradigmático. É a partir da associação entre essas duas categorias que Saussure considera a essência do fato semântico.

No início da aula de 27 de junho de 1911, Saussure afirma que:

Toda palavra da língua tem a ver com as outras palavras – ou melhor, ela não existe a não ser em relação às outras palavras, e em virtude do que está à volta dela. [...] O valor de uma palavra só vale em todos os momentos em relação às outras unidades semelhantes. A relação e a diferença das palavras entre si desenrola segundo duas ordens, em duas esferas completamente distintas: cada uma dessas esferas será geradora de uma certa ordem de valor, e a própria oposição que há entre as duas deixa mais clara cada uma delas. Trata-se de duas esferas ou de duas maneiras de coordenar as palavras com outras (SAUSSURE apud BOUQUET, 1997, p. 258).

A primeira esfera a qual Saussure se refere é a da coordenação sintagmática, os agrupamentos *in praesentia*. Por sua vez, a segunda esfera corresponde a coordenação associativa, os agrupamentos *in absentia*. A noção de sistema saussureano supõe esse duplo caráter do valor, pois refere-se a forma como a palavra funciona como membro de um sistema em diferentes ordens de relações. Esses múltiplos fatos batizados de valor contribuem para compor o fenômeno semântico.

Bouquet (1997) afirma, com base nos trabalhos de Saussure, que a noção de valor *in absentia* é procedente do arbitrário e recobre 5 fatos,

pertencentes a 2 categorias. A 1ª categoria é composta por três valores e refere-se ao arbitrário interno, nesse sentido, abrange o valor interno do signo. Temos:

1º valor: o significado possui o valor do significante. Esse primeiro valor é sinônimo de significado e se opõe ao significante.

2º valor: o significante corresponde pelo seu significado. Valor sinônimo de significante. Nessa categoria, o valor está ancorado na fonética, no estudo dos sons que atribuem valor a uma ideia, é no som que a ideia se ancora.

Esses dois valores só existem em virtude de uma relação indissociável, trata-se da significação como anteriormente expusemos.

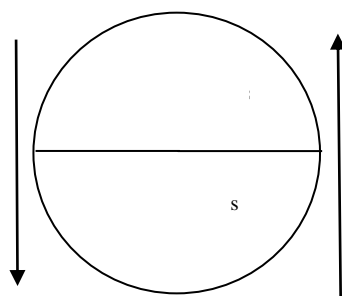
3º valor: significante e significado correspondem simultaneamente um pelo outro: o significante e o significado extraem sua existência simultaneamente um do outro, ou seja, o valor de um corresponde ao valor do outro.

Essas três acepções do valor interno do signo são os três pontos de vista do arbitrário, ou seja, o signo é arbitrário, mas ao ser estabelecido ele adquire valor no sistema e esse valor recobre todo o signo. Por isso, temos o valor do significado em relação ao significante; do significante em relação ao significado; o valor simultâneo do significante e do significado. Tais categorias são indissociáveis do fato de o valor estar preso ao sistema da língua.

De acordo com Bouquet (2006), esses três pontos de vista do arbitrário que designam os valores internos do signo estão fundamentados na teoria clássica do signo. Esse fato sustenta as palavras de Dosse (2007, p. 87-88): “Saussure fez, portanto, a escolha do signo contra o sentido, devolvido ao passado metafísico, escolha que se converterá numa das características do paradigma estruturalista”.

No entanto, a teoria de Saussure ultrapassa essa visão clássica, pois temos a segunda categoria de valor *in absentia* que refere-se ao valor sistêmico do signo, corresponde ao segundo grau do arbitrário e compreende o nível

fonológico e semântico. Na teoria do valor sistêmico, o valor do signo é estabelecido a partir dos termos coexistentes em um sistema. Segundo Bouquet (2006), para sustentar a argumentação do valor sistêmico, Saussure se apoia na teoria dos valores internos. Ele retoma o esquema que estabelece a significação como a contraparte da imagem auditiva e nada mais. Segundo esse esquema, a palavra seria tomada como um conjunto isolado e absoluto:



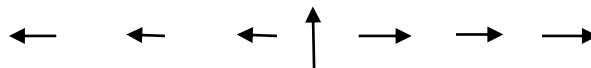
SAUSSURE (2006, p. 133)

No entanto, Bouquet (2006) expõe a armadilha desse esquema, pois a significação vai além do aspecto interno. A significação é a contrapartida dos termos que coexistem na língua. A língua é um sistema em que todos os termos estão ligados e o valor resultará da coexistência de diferentes elementos. Nesse sentido, para compreender a teoria saussureana de valor é necessário considerar a relação interna e a relação sistêmica como inseparáveis.

[...] A significação como contrapartida da imagem (auditiva) e a significação como contrapartida de termos coexistentes se confundem. [...] O valor é determinado 1. Por uma coisa dessemelhante que podemos trocar, que podemos também marcar



e 2. por coisas similares que podemos comparar



É preciso esses dois elementos para o valor (SAUSSURE apud BOUQUET, p. 263).

Por ser o signo arbitrário, seu valor resultará da relação estabelecida com os diferentes elementos do sistema, por isso, o valor sistêmico corresponde ao segundo grau do arbitrário e comporta os dois últimos fatos relacionados a essa questão: 4º - o valor está relacionado ao fato de uma palavra poder ser trocada por algo dessemelhante como, por exemplo, uma ideia ou uma outra palavra, isto é, termos dessemelhantes que podem ser substituídos; 5º - o valor pode ser substituído por palavras semelhantes que possuem valores passíveis de se oporem. De acordo com Bouquet (2006), o valor interno e o valor sistêmico precisam se conjugar para fazer surgir o valor *in absentia*.

Para mostrar a forma como o valor é constituído por coisas dessemelhantes, podemos nos apoiar no exemplo exposto no CLG. De acordo com Saussure (2006, p. 134), a palavra carneiro, em português, ou *mouton*, em francês, podem ter a mesma significação que *sheep*, em inglês, mas ambas não possuem o mesmo valor. Isso se justifica devido ao fato de ao falar sobre uma porção de carne preparada e servida à mesa, o inglês diz *mutton* e não *sheep*. Há uma diferença de valor, pois *sheep* tem a seu lado um segundo termo, *mutton*, e isso não ocorre em português ou francês, por isso, há uma diferença de valor o que torna tais termos dessemelhantes.

Em relação ao 5º fato do valor, relacionado à existência de palavras semelhantes que podem ser comparadas, podemos nos voltar, mais uma vez, à discussão exposta no CLG. De acordo com a obra, sinônimos como *recear*, *temer*, *ter medo* só têm valor pela oposição existente, pois se *recear* não existisse, todo seu conteúdo semântico iria para os seus concorrentes.

Essa discussão possibilita questionar a existência de ideias ou conceitos pré-existentes, pois se esse fato fosse verdadeiro, as palavras possuiriam correspondentes exatos de uma língua para outra e não é isso que ocorre. E mesmo no interior de uma mesma língua, podemos dizer que não existem correspondentes exatos, por exemplo, *recear* não é a mesma coisa que *ter medo*. Embora haja semelhanças entre os dois termos que possibilitam a comparação, eles não possuem o mesmo sentido.

Uma questão importante a observarmos está relacionada ao fato de o valor *in absentia* entrar em conjunção com os elementos da sintagmação e isso é responsável por constituir o valor *in praesentia* e, conseqüentemente, o valor semântico. O valor *in praesentia* abrange tudo o que se refere ao caráter linear da produção linguística e, conseqüentemente, tudo o que a sintaxe estuda na linguagem. Com isso, podemos perceber que o valor engloba toda a teoria saussureana.

Temos nesse trabalho linguístico uma outra perspectiva estabelecida para o signo linguístico, uma visão que distancia esse conceito da visão clássica. Segundo Nobrega e Basílio (2013), ao acrescentar o conceito de diferença e semelhança ao lado do princípio da arbitrariedade, Saussure consegue constituir o sistema linguístico e comprovar que os valores são advindos e não preestabelecidos.

Por isso, podemos dizer juntamente com Bouquet (2006) que a figura que representa o significante em relação ao significado é um produto secundário do valor. O significado sozinho nada é, assim como o significante isolado é inexistente. Significante e significado adquirem sentido a partir dos valores determinados que nascem da combinação entre si e da relação com outros signos no sistema. Por meio do conceito de valor, Saussure se opôs a uma concepção de língua que veria o signo como unidade fechada sobre ele mesmo. Os signos possuem dependência uns em relação aos outros, sendo que,

essa dependência pode ser observada nos dois eixos: sintagmático e associativo.

Conclusão

Nosso objetivo com esse trabalho foi discutir um pouco o trabalho de Saussure, contrapor alguns pontos de vista, e reforçar sua importância para os estudos linguísticos atuais. Concordamos com os autores aqui citados que a teoria do Valor Linguístico é o ponto mais inovador do trabalho de Saussure. Essa teoria torna possível considerar o sentido a partir da relação entre os elementos do sistema, sendo que, essa relação se altera de uma língua para outra, fato que insere nos estudos linguísticos a questão da diferença, que na língua só existem diferenças, e não sentidos intrínsecos ou conceitos dados de antemão.

Há no CLG uma relação bastante complexa entre os termos social, arbitrário, sistema e valores. De acordo com Normand (p. 74), o objetivo do trabalho de Saussure é ir contra as evidências de um pensamento tradicional do signo. O discurso no CLG desenvolve uma argumentação que admite o fato, no que diz respeito às unidades da língua, de uma equivalência entre signos, relações, valores, diferenças. Esses elementos são considerados necessários para descrever o funcionamento do sistema linguístico.

Pensar o sentido a partir das relações questionando qualquer concepção preexistente vai influenciar, de diferentes maneiras, todas as correntes linguísticas contemporâneas, por isso, a obra do mestre genebrino precisa continuar sendo estudada e discutida nos diferentes grupos e universidades.

Referências



BARBISAN, L. B. e FLORES, V. N. Sobre Saussure, **Benveniste e outras histórias da lingüística**. In: NORMAN, C. Convite à Linguística. São Paulo: Contexto, 2009.

BOUQUET, S. **Introdução à Leitura de Saussure**. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

DOSSE, F. **História do Estruturalismo**. Bauru, SP: Edusc, 2007. 2v.

GADET, F. O Sistema. In: Saussure: **une science de la langue**. Paris: Presses universitaires de France, 1987.

GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas, SP: Pontes, 2002.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.